JNT FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY JOURNAL
ISSN: 2526-4281 - ANO 2026 - MÊS DE OUTUBRO
Ed. 78. Vol. 1 - Págs. 551-560
DOI: 10.5281/zenodo.23423318



CAPES

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

QUALIS A2



LÍNGUA, ORALIDADE E IDENTIDADE: PRÁTICAS LINGUÍSTICAS E DIVERSIDADE SOCIOCULTURAL DO POVO KRAHÔ[1]

LANGUAGE, ORALITY, AND IDENTITY: LINGUISTIC PRACTICES AND SOCIOCULTURAL DIVERSITY OF THE KRAHÔ PEOPLE

Josué da Silva LUZ
Universidade Federal do Norte do Tocantins (PPGLLIT/UFNT)
E-mail: josueluzadv@hotmail.com
ORCID: http://orcid.org/0009-0000-5097-029x

Francisco Edviges ALBUQUERQUE
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)
E-mail: fedviges@uol.com.br
ORCID: http://orcid.org/0000-0002-0004-1887

RESUMO

Esse artigo analisa a identidade, a oralidade, as práticas linguísticas e a diversidade Sociocultural do povo Krahô e suas relações com diversas gerações, tendo a língua como elemento de construção das experiências sociais, da continuidade cultural da ancestralidade e da transmissão dos conhecimentos. A discussão se inicia, nos estudos sociológicos, no contexto das pesquisas desenvolvidas no laboratório de línguas indígenas e dos estudos junto ao povo Krahô do Tocantins. A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, bibliográfica e documental, construindo uma conexão entre os estudos do bilinguismo, da oralidade, da educação escolar intercultural e da cultura Krahô. Argumenta-se, neste trabalho, que para o povo Krahô, a língua não constitui um simples mecanismo de comunicação. Ela faz parte da constituição dos rituais, cosmovisão, práticas sociais, processos educativos, transmissão de saberes e forma de organização social. Neste sentido, torna-se protagonista no processo da memória e dos conhecimentos ancestrais, conectando diversas gerações nos espaços relacionais da comunidade Krahô. A pesquisa aponta também que a conservação da língua Krahô ocorre mesmo em uma constante conectividade com a língua portuguesa, caracterizando uma relação sociológica identificada, marcada, pela relação entre línguas e culturas. Argumenta-se, ainda, que o reconhecimento das práticas linguísticas do povo Krahô contribui para o fortalecimento da identidade, diversidade sociocultural e contribui para

[1] COMO CITAR: (ABNT): LUZ, J. S.; ALBUQUERQUE, F. E. Língua, Oralidade e Identidade: Práticas Linguísticas e Diversidade Sociocultural do Povo Krahô. **JNT Facit Business and Technology Journal.** Qualis A2. ISSN: 2526-4281, Mês de Outubro de 2026 - Ed. 78. VOL. 01. Págs. 551-560. Disponível: http://revistas.faculdadefacit.edu.br. Acesso em: ___/___/___.

compreensão da língua como o espaço de produção, afirmação e transmissão de saberes.

Palavras-chave: Língua Krahô. Oralidade. Identidade. Diversidade cultural sociológica indígena

ABSTRACT

This article analyzes the identity, orality, linguistic practices, and sociocultural diversity of the Krahô people and their relationships across different generations, considering language as a fundamental element in the construction of social experiences, cultural continuity, ancestry, and the transmission of knowledge. The discussion is grounded in sociolinguistic studies developed within research on Indigenous languages and studies conducted with the Krahô people of Tocantins, Brazil. This qualitative, bibliographic, and documentary research establishes connections among studies on bilingualism, orality, intercultural Indigenous education, and Krahô culture. The study argues that, for the Krahô people, language is not merely a means of communication; rather, it is an integral part of rituals, worldview, social practices, educational processes, knowledge transmission, and forms of social organization. In this context, language plays a central role in the preservation of memory and ancestral knowledge, connecting different generations within the relational spaces of the Krahô community. The research also indicates that the maintenance of the Krahô language occurs in continuous contact with Portuguese, constituting a sociolinguistic relationship marked by interaction between languages and cultures. Therefore, recognizing the linguistic practices of the Krahô people contributes to strengthening their identity and sociocultural diversity, as well as to understanding language as a space for the production, affirmation, and transmission of knowledge.

Keywords: Krahô Language. Orality. Identity. Sociocultural diversity. Indigenous sociolinguistics.

INTRODUÇÃO

A língua, enquanto um organismo vivo e mutável, compõe um dos principais aspectos por meio dos quais a humanidade se organiza, transmite conhecimento e expressa suas experiências individuais e coletivas. No contexto dos povos indígenas, contudo, essa percepção não pode ser vista como algo reduzido há uma construção

estritamente comunicativa, tendo como base que as construções linguísticas permanecem intrinsecamente vinculadas à maneira de vida, aos conhecimentos tradicionais, às relações sociais, aos rituais, ao formato de organização social e aos processos de construção da identidade.

É com essa ótica que se situa o presente artigo, onde o objeto é um componente das práticas linguísticas, pelas relações entre língua e identidade e pela oralidade no cenário sociocultural do povo Krahô. Portanto, este objeto está relacionado à carência da compreensão da língua indígena como componente de um sistema sociocultural no qual narrar, cantar, ouvir, ensinar, falar, aconselhar, rezar e transmitir saberes fazem parte das práticas intrinsecamente ligadas à fala e a vida comunitária.

Costa Moraes, na obra *O Domínio Superior da Linguagem*, de 2017, aponta que a capacidade de se manifestar e a capacidade de movimentar os recursos linguísticos está relacionada aos diferentes contextos culturais, sociais e comunicativos de cada grupo de falantes. Esse entendimento exibe uma relação com a concepção sociológica do povo Krahô. Na sociedade indígena, o domínio superior da linguagem não se conecta ao uso da língua portuguesa e nem se adapta a sua norma culta. Variavelmente, ela é constituída principalmente na competência do domínio da língua Krahô e na complexidade de sua oralidade, do seu ritualismo, da sua narrativa, da sua cultura, da sua tradição e a sua relação comunitária.

As pesquisas realizadas, junto os povos indígenas, do estado do Tocantins, apontam para a relevância da língua na manutenção da identidade do povo Krahô. Neste sentido, Abreu e Albuquerque (2021), ao pesquisar a situação sociolinguística na aldeia Pedra branca, do povo Krahô, constataram a continuidade da língua materna nas diversas idades e em situações de interação entre os indígenas daquela comunidade. Ainda que diante do contato direto com a sociedade e com a língua portuguesa, os pesquisadores apontaram mecanismos de manutenção linguística do referido povo indígena.

Diante disso, o problema que orienta essa pesquisa é: como as práticas da oralidade e linguísticas do povo Krahô tem contribuído para a transmissão e manutenção de sua identidade cultural?

O objetivo geral, por sua vez, baseia-se em analisar os costumes linguísticos e de oralidade Krahô, tendo como princípio sua relação com a construção da identidade coletiva, a transmissão de conhecimentos e heterogeneidade sociocultural. Especialmente, procura-se discutir a conexão entre língua e identidade; assimilar o mecanismo da oralidade e a difusão dos saberes; analisar o bilinguismo Krahô como

também seu traço português e repensar a função da educação escolar e dos costumes linguísticos do povo Krahô na preservação e da conservação da sua cultura.

Assim, a pesquisa situa-se no campo da linguístico, principalmente, dialogando com a sociolinguística e com as pesquisas sobre línguas indígenas. Não se têm a pretensão de realizar uma descrição da estrutura da língua do povo Krahô, mas entender seus usos nas dimensões culturais e sociais.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

O estudo, em questão, tem um enfoque qualitativo, pois leva em consideração a autonomia dos povos originários, em particular, do povo Krahô como participantes da pesquisa. Ressalta-se ainda a natureza documental além de bibliográfica. A pesquisa, por sua vez, encaminhou-se com base no estudo das produções acadêmicas ligadas à cultura, a oralidade, a tradição, a língua, a educação escolar indígena e ao bilinguismo Krahô.

A bibliografia contempla estudos de pesquisadores renomados que se debruçam sobre essa temática e, por consequência, promovem a circulação de material para ser estudado como também pesquisado. Assim, tem-se nomes como o de Abreu; Albuquerque (2020-2021), Albuquerque; Silva (2015), Lavorato; Cavalcante; Albuquerque (2021) e Macedo; Albuquerque (2013), e ainda obras direcionadas para as línguas, literaturas indígenas e a educação escolar bilingue do povo Krahô.

Dessa forma, o estudo organizou-se em quatro eixos: Oralidade e transmissão de conhecimentos; Língua e identidade; Bilinguismo e contato linguístico; Educação e manutenção cultural. Esses tópicos foram desenvolvidos de maneira a compreender a língua como prática e costume social e não apenas como um sistema linguístico dissociado da tradição e modus de vida.

LÍNGUA, IDENTIDADE E CULTURA KRAHÔ

A conectividade da língua e a cultura Krahô torna-se elemento central para o estudo e compreensão da experiência Sociocultural desse povo. A língua é utilizada com um mecanismo ativo, vivo e vinculado aos seus saberes, da construção e manutenção dos conhecimentos cosmológicas e suas relações sociais, sobretudo, para com a sociedade de forma geral.

A língua do povo Krahô é pertencente à família JÊ e faz parte do grupo das línguas Timbira. Sua continuidade está intrinsecamente ligada aos costumes, a tradição, a visão cosmológica e às práticas culturais da sociedade. Abreu e

Albuquerque (2020) abordam a relevância dos mecanismos Sociolinguísticos para conservação da língua, da tradição e da cultura Krahô. Nesse entendimento, a língua materna faz parte da construção do pertencimento e vida em coletividade.

Os povos indígenas que vivem em suas aldeias têm a sua forma exclusiva de ser e sentir o mundo, sendo que as relações de sociedade tradicional se processam em um enfrentamento natural. Como preconiza Barreto (2021), não há como dissociar os indígenas brasileiros dos seus elementos culturais, da sua identidade e de sua cultura da sua existência:

> A literatura é uma forma de expressar os sentimentos vivenciados pelas tribos indígenas, aonde os autores por meio de sua transcrição, conseguem criar histórias e memórias desses povos, possibilitando uma nova perspectiva do entendimento do leitor no aspecto de inovar e criar ações vinculadas a realidade dos indígenas. Além disso, é possível encontrar uma grande riqueza de detalhes desses povos, devido ao crescente fomento da literatura indígena de jovens que dispõem de raízes indígenas (Barreto, 2021, p. 96).

Por esse mesmo viés, Levorato, Cavalcante e Albuquerque (2021, p. 48) destacam que "a língua é um recurso na manutenção da cultura". Dessa forma, a língua, mas que um instrumento de comunicação é um instrumento que assegura a produção da diversidade cultural e transmissão dos saberes, porquanto a forma oral de transmitir conhecimento é, sem dúvida, a mais usual por parte dos povos originários como um todo. A tradição baseada na história oral pode ser compreendida como uma das suas principais marcas.

Os pesquisadores Abreu e Albuquerque (2021), ao direcionar seus estudos para a aldeia Pedra branca, observaram que o domínio da língua instrumento vai além da concepção de comunicação entre os habitantes e os diversos grupos geracionais, evidenciando sua influência na continuidade nas relações sociais, culturais e de saberes.

Esse elo da língua materna com a tradição, os rituais e a espiritualidade são fortemente repassados para todas as gerações nos pátios, na contação de história e na relação familiar. Na tradição Krahô, a criança tem o contato com a língua nas relações comunitárias, familiares, nas atividades coletivas, nos diversos espaços de convivência. Neste contexto, a língua Krahô, faz parte das práticas sociais na qual a continuidade como língua viva está relacionada ao uso continuo da linguagem.

MEMÓRIA, ORALIDADE E TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTOS

A oralidade na língua Krahô ocupa espaço central na transmissão dos saberes do povo Krahô. Os ensinamentos, as experiências, ancestralidade, os valores e a cultura são difundidos por meio da fala entre as gerações.

Macedo e Albuquerque (2013, p. 1) relatam que as narrativas orais do povo Krahô são formas de difusão dos saberes e "expressam valores, saberes e ideologias Krahô". Dessa forma, a narrativa é uma forma de recordar, ensinar, fortalecer o pertencimento. Há ainda a memória que é atualizada em cada narrativa, uma vez que ela não permanece com o armazenamento cristalizado.

Dessa forma, Macedo e Albuquerque asseveram que, nas narrativas dos anciãos, "conta muito o como narrar" (2013, p. 13). Observam ainda que a oralidade deve ser entendida como uma prática de comunicação e de pertencimento.

BILINGUISMO E CONTATO LINGUÍSTICO

A sociolinguística Krahô está interligada à relação entre a língua indígena e a língua portuguesa. Abreu e Albuquerque (2021) constataram o uso da língua do povo Krahô entre os indígenas da comunidade, evidenciando que a presença da língua portuguesa não significa o abandono da língua indígena.

Todavia, justamente por a língua portuguesa exercer o predomínio na educação escolar indígena, nas relações econômicas, nas negociações privadas, nas instituições públicas, a língua a portuguesa se sobrepõe à língua do povo Krahô, evidenciando uma relação de desigualdade entre as duas línguas.

Contudo, para Levorato, Cavalcante e Albuquerque (2021) é possível a coexistência do português e a continuidade da língua Krahô. O que não se pode se permitir é a inferiorização ou o apagamento da língua indígena.

Os professores Abreu e Albuquerque entendem que "existe uma política de manutenção de sua língua como forma de preservar sua identidade e fortalecer a cultura" (2021, p. 196). Assim, é possível verificar um modelo de relação contemporânea em que não implique a substituição da língua do povo Krahô pela língua portuguesa.

PRÁTICAS LINGUÍSTICAS E DIVERSIDADE SOCIOCULTURAL

No Brasil, a diversidade Sociocultural está conectada a diversos povos, diversas línguas e formas de produção de saberes. Assim sendo, não se deve rotular a cultura do povo indígena com uma cultura única, porque ela é constituída por

diferentes povos, histórias, cosmologia, ancestralidade e maneiras de organização em sociedade.

Dessa forma, Rodrigues (1986, p. 17) resume a diversidade indígena ao asseverar que "índios [indígenas] no Brasil não são povo: são muitos povos, diferentes de nós e diferentes entre si". Essa afirmação estabelece o reconhecimento e a individualidade Sociocultural Krahô e contribui para impedir generalizações como também o aumento do preconceito em relação a maneira de viver desses povos.

A tradição linguística do povo Krahô está ligada aos espaços da comunidade. Abreu e Albuquerque (2020) descrevem o pátio como espaço de cerimônias, reuniões, rituais, decisões coletivas e diversas práticas sociais e religiosas. O pátio, dessa forma, é um espaço de escuta, de fala, de cultura, vinculando-se a ancestralidade por meio da transmissão de saberes.

Para o povo Krahô, as comemorações, os rituais, a pintura, o artesanato, apresentam dimensão linguísticas. A música, o corpo, o canto e a fala fazem parte do cotidiano que tem características e modus próprios.

Neste sentido, alguns pesquisadores defendem que "o cantor entoa cantigas tradicionais" (Abreu; Albuquerque, 2020, p. 177). Nesse viés, as indicações das práticas linguísticas Krahô demonstram que deve ser considerado o tempo, o espaço, a fala com quem fala, quando e com qual finalidade.

EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA BILÍNGUE, ORALIDADE E ESCRITA

A educação escolar indígena pode ser um importante mecanismo de conservação e valorização da língua indígena. No entanto, não pode estar limitada ao ensino regular da língua. Ela deve promover conexões entre os conhecimentos tradicionais e os saberes produzidos em diversos contextos. Albuquerque e Silva (2015) apontam como incentivo à língua materna a criação de materiais didático pedagógicos direcionados às escolas do Povo Krahô, incluindo a língua materna, a língua portuguesa e as diversas áreas do conhecimento. Reforça-se que iniciativas como essas aproximam a escola da realidade sociocultural do indígena.

Macedo e Albuquerque (2013) afirmam que as narrativas indígenas orais são imprescindíveis, no espaço da escola, porquanto elas permitem um diálogo entre a escrita, a oralidade, a memória e o saberes ancestrais.

Abreu e Albuquerque (2021, p.198) consideram que "a língua Krahô também tem, na modalidade escrita, uma função social para comunidade". Pondera, no entanto, que a escrita não substitui a oralidade. Dessa forma, as duas modalidades podem se complementar no sentido de que a escrita colabora com os registros e os

materiais pedagógicos, enquanto a oralidade continua como fundamento das práticas relacionadas à interação, a performance e a participação da comunidade.

LÍNGUA E RESISTÊNCIA CULTURAL

A língua Krahô deve ser compreendida como forma de resistência cultural epistêmica. Dessa forma, a cultura indígena, faz parte da constituição da socialização e do cotidiano indígena. Para o povo Krahô falar a língua mãe, transmitir para as crianças, realizar rituais, preservar tradições, reproduzir saberes faz parte do processo de resistência cultural do povo Krahô.

Lavorato, Cavalcante e Albuquerque (2021) destacam que quando se usa a língua indígena, nos espaços institucionais, é uma maneira de se afirmar a autonomia, a cultura, a presença e a identidade do povo indígena, visto que os povos originários possuíam suas próprias formas de organização social, linguística e cultural antes da invasão dos europeus.

As inúmeras tentativas de apagamento das identidades indígenas, dos seus costumes; a violência do colonizador em busca de riquezas e as tentativas de imposição da cultura europeia, fez com que os indígenas criassem mecanismos de resistência a esse apagamento cultural e identitário.

Assim, os saberes indígenas produzidos através das convivências urbanas, com o território, rituais, práticas agrícolas, concepções cosmológicas, experiências coletivas são constituídas de valores e simbologias próprios. A língua, nesta lógica, participa de tal processo diretamente, pois é através dela que seus saberes são nomeados, compartilhados e preservados.

CONCLUSÃO

A partir da análise construída, torna-se possível compreender que a língua do povo Krahô constitui um elemento indispensável para construção da identidade, transmissão dos saberes entre as gerações e a preservação da cultura. Mais do que um mecanismo de comunicação a língua do povo Krahô está inserida nas relações comunitárias, nas narrativas, nos rituais, nos cantos, nas pinturas, no artesanato, nas relações familiares e nas diversas relações Socioculturais, auxiliando para que a memória e a ancestralidade, a cultura e a identidade sejam preservadas e repassadas para as gerações futuras.

Neste sentido, a oralidade assume o protagonista central, já que viabiliza a relação e a circulação de saberes, das experiências coletivas e dos valores ancestrais. As narrativas, as histórias contadas e cantadas pelos anciãos no pátio, nas rodas de

contação de história, e as interações geracionais contribuem para continuidade da língua, da tradição e da cultura. A escrita, principalmente, na educação escolar do povo Krahô, tem uma atuação complementar, subsidiária, sem, contudo, substituir a oralidade que é base da relação da sociedade Krahô.

Os ritos, as genealogias, a cultura, a identidade e os cantos são meios de identidade, com característica de resistência epistêmica e forma de convivência social, cultural, etnolinguística, identitária e de pertencimento.

Nesse sentido, para além dos discursos eurocêntricos, a literatura indígena brasileira, ainda no período pré-colonial, consistia, principalmente, no formato oral, com cantos, narrativas que abraçavam o esteticismo dos rituais cosmológicos e memórias ancestrais, que eram transmitidas entre os membros tribais. Essas manifestações traziam um discurso do cotidiano, do trivial aos mais sagrados rituais, como também, das regras de convivências conectadas ao tempo cíclico, ao espaço, à espiritualidade, e à natureza com o predomínio da oralidade.

Para o povo Krahô, a ancestralidade e o passado são evocados como vínculos de sua tradição. A forma de educação indígena continua a ser transmitida, oralmente, pelos anciãos. Essa tradição Krahô, agrega os valores destes indígenas, torna-se multifacetada pela versatilidade da performance e da multimodalidade, bem como pelos seus cânticos, danças, grafismos e rituais.

Além dessas características, o Krahô, tem na narrativa, na cosmologia, a concepção de um povo que vive no cerrado, em um espaço sagrado e, nesta concepção, é desenvolvida a identidade de grupo, sua tradição e a sua perspectiva de vida. Com este olhar, cria-se a temática enraizada nas suas tradições, crenças e a relação com o território.

Quanto ao bilinguismo, observa-se a coexistência harmônica entre a língua do povo Krahô e a língua portuguesa, embora que em diferentes espaços e condições de uso diferentes. Desse modo, a presença da língua portuguesa não resulta o abandono da língua Krahô, apenas reforça a importância de práticas educacionais que assegurem a continuidade, a valorização da língua indígena.

Diante do exposto, conclui-se que o fortalecimento da língua Krahô é uma prática contributiva para preservar a diversidade Sociocultural, a tradição, o pertencimento, a memória, a cosmologia e os conhecimentos ancestrais. Ante o exposto, reitera-se que a valorização dos costumes linguísticos e da oralidade se torna um passo essencial para garantir a preservação da língua Krahô.

REFERÊNCIAS

ABREU, Marta Virginia de Araújo Batista; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. **Cultura, língua e a manutenção da identidade do povo Krahô no Tocantins**. Teatro: criação e construção de conhecimento, v. 8, n. 1-2, p. 174-183, 2020. Disponível em: https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/teatro3c/article/view/11785. Acesso em: 20 out 2026.

ABREU, Marta Virginia de Araújo Batista; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. Situação sociolinguística dos Krahô de Pedra Branca: considerações sobre a facilidade linguística em língua materna e Língua Portuguesa. **Revista Linguíʃtica, Rio de Janeiro**, v. 17, n. 1, p. 191-205, 2021. DOI: https://doi.org/10.31513/linguistica.2021.v17n1a40683.

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges (org.). **Texto e leitura:** uma prática pedagógica nas escolas Apinayé e Krahô. Goiânia: Ed. América, 2012.

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; ALMEIDA, Severina Alves de (org.). **Educação escolar indígena e diversidade cultural**. Goiânia: Ed. América, 2012.

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; KRAHÔ, Renato Yahé (org.). **Gramática pedagógica Krahô**. Campinas: Pontes Editores, 2016.

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; SILVA, Ana Beatriz Sena da. **Educação indígena Krahô:** material de apoio pedagógico. EntreLetras, Araguaína, v. 6, n. 2, p. 199-210, 2015.

BARRETO, Mêrivania Rocha. De objeto a sujeito: a figura do indígena na história da literatura brasileira. **Revista Interfaces**, Guarapuava, v. 12, n. 2, p. 94–106, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/. Acesso em: 30 out. 2026.

COSTA DE MORAES, Wesley. El lenguaje como arma: la escritura del guerrero en Todas as vezes que dissemos adeus de Kaka Werá Jecupé. Transmodernity**: Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic World**, v. 7, n. 1, 2017. DOI: https://doi.org/10.5070/T471034118.

LEVORATO, Danielle Mastelari; CAVALCANTE, Francisca Martim; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. Língua como estratégia de resistência e manutenção da cultura indígena: um relato de experiência. **Facit Business and Technology Journal**, v. 1, n. 22, p. 48-58, 2021. Disponível em: https://revistas.faculdadefacit.edu.br/index.php/JNT/article/view/798. Acesso em: 20 out 2026.

MACEDO, Aurinete Silva; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. Práticas de oralidade: narrativas orais Krahô no contexto escolar. In: **Simpósio Internacional de Letras e Linguística** – SILEL, 3., 2013, Uberlândia. Anais [...]. Uberlândia: EDUFU, 2013.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas brasileiras:** para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.